

Experiências Vividas e Narradas de uma Agente Comunitária Ambiental Climática da Cidade do Rio de Janeiro no Contexto de sua Formação

Experiences Lived and Narrated by an Environmental Climate Community Agent of Rio de Janeiro City in the Context of her Formation

Eliena Genésia Corrêa Pereira*^{ab}; Luciana Ribeiro Leda^b; Iza Patrício Silva^b; Renata Felix de Oliveira Ferreira^b; Martha Macedo de Lima Barata^b; Clélia Christina Mello-Silva^b

*Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. RJ, Brasil.

^bInstituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde. RJ, Brasil.

*E-mail: elienaep@gmail.com

Resumo

Este estudo, recorte do projeto intitulado 'Educação Ambiental e Climática para Agentes Ambientais Comunitários dos Núcleos de Educação Ambiental e Climática do município do RJ', embasado no conceito de Educação Ambiental Crítica e nos princípios da pedagogia freiriana, foi fruto do convênio do Laboratório de Avaliação e Promoção da Saúde Ambiental do Instituto Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz (LAPSA/IOC/FIOCRUZ) com a Secretaria Municipal de Ambiente e Clima – RJ. Nele, ministramos um curso de qualificação profissional e atividades extensionistas com encontros nos Núcleos de Educação Ambiental e Climática, lives e rodas de conversa – ambas on-line. Nossa proposta ancora-se na pesquisa narrativa, cujo olhar valoriza as vivências e experiências dos sujeitos nos vários ambientes e situações presenciadas, visando refletir e discutir a fala de uma Agente Ambiental participante do Curso referente às suas percepções relativas a seu processo educativo-formativo. Esta narrativa foi proferida na última roda de conversa, que foi gravada e, posteriormente transcrita, analisada, interpretada e discutida pela Equipe LAPSA/IOC/FIOCRUZ utilizando-se do aporte teórico norteador do estudo a partir dos aspectos surgidos, envolvendo questões de sensibilização, valorização, aprendizado e gratidão. A compreensão desta narrativa sinalizou a importância do ensino para e com o aluno e a complexidade e caminhos possíveis a serem trilhados enquanto educadores ambientais.

Palavras-chave: Narrativa. Processos Formativos. Educação Ambiental. Qualificação Profissional.

Abstract

This study, part of the project entitled 'Environmental and Climate Education for Community Environmental Agents from the Centers for Environmental and Climate Education in the city of RJ', based on the concept of Critical Environmental Education and the principles of Freire's pedagogy, was the result of an agreement with the Laboratory of Assessment and Promotion of Environmental Health of the do Instituto Oswaldo Cruz/Fundação Oswaldo Cruz (LAPSA/IOC/FIOCRUZ) with the Municipal Secretary of Environment and Climate – RJ. In it, we teach a professional qualification course and extension activities with meetings at the Environmental and Climate Education Centers, lives and conversation circles – both online. Our proposal is anchored in narrative research, whose perspective values experiences of the study members in the various environments and situations witnessed, aiming to reflect and discuss the speech of an Environmental Agent participating in the Course, regarding her perceptions regarding her educational-training process. This narrative was given in the last round of conversation, which was recorded and later transcribed, analyzed, interpreted and discussed by the LAPSA/IOC/FIOCRUZ Team using the theoretical framework that guided the study, based on the aspects that emerged, involving issues of awareness, appreciation, learning and gratitude. Understanding this narrative signaled the importance of teaching for and with the student and the complexity and possible paths to be followed as environmental educators.

Keywords: Narrative. Training Processes. Environmental Education. Professional Qualification.

1 Introdução

Este texto discorre sobre os diálogos estabelecidos a partir de percepções e textualidades desenvolvidas no itinerário rememorado de uma Agente Comunitária Ambiental Climática (ACAC), vinculada à Secretaria Municipal de Ambiente e Clima da cidade do Rio de Janeiro (SMAC-RJ), aluna do curso oferecido pelo Laboratório de Avaliação e Promoção da Saúde Ambiental do Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (LAPSA/IOC/Fiocruz-RJ) parte do projeto denominado 'Educação ambiental e climática para agentes ambientais comunitários dos Núcleos de Educação Ambiental e Climática do município do RJ' (Projeto LAPSA/SMAC),

fruto da parceria firmada entre o LAPSA/IOC/ Fiocruz-RJ – ao qual pertencemos – e a SMAC/RJ. Em sua narrativa, buscamos indagações, questionamentos e sentimentos passados, do presente e em vistas do futuro e relacionados ao seu papel.

Motivada a escutar e a pensar para, com e sobre os muitos e diferentes olhares, entendimentos e sentimentos costurados aos processos formativos, a Equipe LAPSA viu a importância de propiciar visibilidade à fala dos Agentes Ambientais Comunitários da cidade do Rio de Janeiro, também integrantes do referido curso, na figura desta Agente, e, para tal, elegeu a pesquisa narrativa baseada em Josso (2006, 2007, 2010, 2012,

2020), que caracteriza as narrativas de si e das experiências vividas como processo de conhecimento e processo de formação sendo definida por Squire (2014) como um conjunto de símbolos sociais, culturais e históricos que possuem sentido para o narrador, que, conforme Josso (2020), preservam a autoestima de modo a pensar soluções e solidariedade para criar formas viáveis de cooperação, esperando que se tornem focos de renovação social e política.

Tendo em vista que toda travessia requer movimento, trajetória e mudanças, os processos de formação não estão limitados a espaços formais de ensino e/ou a momentos específicos, assim, todas as vivências ao longo de nossas vidas geram uma bagagem de saberes que fazem parte de nossa formação profissional. Esse conjunto de fatores produz narrativas, promovendo um material de pesquisa que vem sendo muito utilizado e, como reportado por Josso (1999), nas áreas de educação e ensino, verifica-se o desenvolvimento da sensibilidade para história do aprendiz e sua relação com o conhecimento, enquanto as formações contínuas abrem-se ao reconhecimento da experiência. Neste cenário, como não se deslumbrar pelas experiências vividas pelo sujeito ao longo de seu processo de formação, por todo enredamento e experiências vivenciadas ao longo de sua evolução.

No caminho da pesquisa narrativa, segundo Josso (2010), à medida que nos debruçamos e refletimos sobre o que foi observado, vivido e sentido, nossas vivências particulares se transformam, atingindo o status de experiências, o que exige o sujeito em sua globalidade, como ser psicossomático e sociocultural, incluindo as dimensões sensíveis, conscienciais e afetivas e promovendo transformações. A autora (2010) explica que as experiências de transformação de nossa subjetividade e nossas identidades variam tanto que a forma mais geral de a relatarmos e a comentarmos consiste na fala de acontecimentos, atividades, situações ou encontros que servem de contexto para tais aprendizagens, momentos que ela chama de ‘momentos charneira’, constituindo-se de experiências que produzem importantes mudanças na vida do indivíduo e em sua maneira de ver, pensar e agir diante da situação vivida, acrescentando que, quando tais momentos ganham significado para o indivíduo e passam a orientar a construção de sua narrativa, eles se tornam momentos de formação ou experiências formadoras.

Bondía (2002) ressalta que as experiências são as vivências, os acontecimentos originados de nossas interações cotidianas com o mundo que nos afetam, comovem e transformam, sendo capazes de produzir estímulos e sensações memoráveis se demandaram uma profunda conexão com o tempo, espaço e o corpo humano de modo a ganharem sentidos, ocorrendo, então, a transformação de uma realidade vivida. O autor afirma que cada indivíduo é detentor de experiências únicas, logo, seus pensamentos e emoções são elaboradas de forma particular. Squire (2014) complementa, dizendo que as particularidades intrínsecas às narrativas as tornam diferentes,

com características investigativas próprias.

A perspectiva de EAC vai além da educação preservacionista, conservadora e cujo foco se detém nos problemas ambientais, sem discutir suas causas e nem (re) conectar o ser humano ao ambiente, considerando os aspectos socioculturais e político-econômicos. Ela promove, nos indivíduos, a conscientização, a emancipação e o exercício da cidadania tendo em vista a superação da hegemonia do seu modo de pensar e agir, valorizando, efusivamente, sua dimensão coletiva para compreender as relações sócio-históricas (Souza; Nogueira, 2021).

Ante o exposto e entendendo que o sujeito é protagonista de seu processo educativo-formativo, o objetivo deste estudo foi refletir e discutir a narrativa final de uma ACAC, participante das atividades de formação do Projeto LAPSA/SMAC, proferida durante a última roda de conversa realizada na etapa final do referido projeto, durante a qual expôs suas percepções relativas a esse processo formativo. Lembrando Fontoura (2012), adquirimos conhecimento, não apenas pelo processo formal, mas também por nossa prática diária, pelas vivências e experiências do nosso entorno e na finalização de tarefas que agregam um novo saber.

2 Material e Métodos

A pesquisa teve abordagem qualitativa, pois busca compreender o significado dos fenômenos e processos sociais, considerando as motivações, representações sociais, crenças e valores que perpassam a rede de relações sociais, sem pretender a descrição de fatos, mas entender a ocorrência e o seu sentido, para interpretá-los, permitindo a compreensão da realidade vivida socialmente pelo sujeito e revelando elementos implícitos em sua expressão, seja escrita ou verbalizada (Minayo *et al.*, 2002).

Para proporcionar a compreensão do fenômeno estudado, teve enfoque interpretativo que busca estabelecer um diálogo entre os sujeitos e suas experiências e, conforme André (1995), não aceita a realidade como algo externo ao sujeito; se opõe à visão empirista de ciência e busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, assumindo que fatos e valores estão intimamente relacionados e assumindo a interação entre participantes e pesquisadores em função de suas posições sobre a realidade e a condição e produção do conhecimento.

O estudo faz parte do Projeto LAPSA/SMAC, cujo lema foi ‘Perceber, Refletir e Agir’, e contou com o ‘Curso de Qualificação Profissional sobre Educação Ambiental e Climática para Agentes Comunitários e Encarregados de Núcleos de Educação Ambiental e Ação Climática do município do Rio de Janeiro’ (denominado no texto como Curso) e ações Pós-Curso, dentre elas: atividades extensionistas; rodas de conversa e *lives* realizadas *on-line*. Ressaltamos que, no primeiro dia do Curso, todos os participantes leram, assinaram e sanaram dúvidas referentes ao Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido e da Autorização de Uso de Imagem e Som, aprovados pelo Comitê de Ética Nacional, sob a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CEP/Fiocruz no 5.829.823/2022, no que diz respeito à pesquisa com seres humanos da Fiocruz.

Nosso recorte metodológico se debruça na narrativa ocorrida na última roda de conversa, no dia 30 de junho de 2023, etapa final do Projeto LAPSA/SMAC. A conversa foi gravada e posteriormente transcrita, sendo extraído para análise seu momento final, durante o qual os participantes puderam se expressar livremente sobre as atividades do Projeto em um processo de avaliação e autoavaliação. Elencamos a narrativa da primeira aluna a relatar suas percepções, observações e sentimentos, de modo a garantir que sua fala não tendo tenha sofrido influências dos demais discentes. Recorrendo a Delory – Momberger (2012), o relato não é apenas o produto de um ‘ato de contar’, mas também tem o poder de causar efeitos sobre o que relata. Neste sentido, o crescente interesse no paradigma biográfico em ciências humanas mostra sua relevância, ganhando valor no campo das Ciências Humanas (Josso, 2020). Para tanto, faremos um diálogo entre esta narrativa e o referencial teórico.

Ao interpretarmos a narrativa da Agente participante da pesquisa (aqui nomeada ACAC, Agente e narradora), observamos a importância e a vitalidade do discurso narrado, pois, a narrativa é uma possibilidade de contar o caminho e, ao mesmo tempo, se constitui em um novo caminhar por entre as experiências vividas (Fontoura, 2019).

Em um primeiro passo de interpretação, os membros da Equipe LAPSA/IOC/FIOCRUZ-RJ (também denominada Equipe) leram e anotaram suas percepções, discutiram-nas em uma reunião e delinearão o processo de escrita conjunta do presente artigo, que se deu alicerçada nos referenciais teóricos pertinentes à pesquisa narrativa, à pedagogia freiriana e à EAC.

3 Resultados e Discussão

3.1 Contextualizando o momento da narrativa:

Após a finalização do curso proposto no projeto, as pesquisadoras visitaram 12 Núcleos – selecionados em função de sua localização (para abranger as várias regiões da cidade), das necessidades dos territórios e do empenho dos agentes durante o curso – para a realização de atividades extensionistas. Todavia, todos os demais alunos do Curso foram convidados a participar desses encontros, havendo adesão significativa.

A cada quatro visitas nos territórios, uma roda de conversa *on-line* foi realizada com os Agentes Ambientais Comunitários diretamente envolvidos nos encontros e com a presença facultativa dos atuantes nos demais Núcleos. A saber, as rodas de conversas tinham dois momentos: o 1º com uma ‘conversa guiada’, durante o qual se propunha questões a serem discutidas, e o 2º com falas livres.

A narrativa que trazemos foi extraída do 2º momento da última roda de conversa, que marcou o fim de um ciclo de encontros, diálogos, trocas, ensinamentos e aprendizagens entre e com os Agentes Ambientais Comunitários e a Equipe LAPSA, o que lhe conferiu um clima de despedida, sendo conduzida também visando um *feedback* em relação ao nosso trabalho. A autora da narrativa atua em um dos quatro últimos Núcleos que visitamos, situado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, em uma localidade que apresenta muitos problemas de infraestrutura e socioambientais. A Agente teve duas falas ao final do referido encontro, cujos excertos apresentaremos em partes.

Cabe ressaltar que alguns trechos de sua fala, apesar de não terem sido narrados em sequência, se complementam e/ou reforçam a percepção, a ideia e/ou sentimento da ACAC, portanto, serão apresentados juntos, sem seguir fluxo linear.

3.2 Caminhos vividos – percepções e sentimentos narrados

Iniciamos nossa interlocução com as primeiras palavras da narradora, elucidando seus resgates de memória direta e indiretamente relacionados ao Curso de Qualificação que oferecemos.

É aquela coisa, como a Professora 1¹ falou uma vez, né, é o olhar; são as miudezas que a gente não prestava atenção e agora a gente presta atenção. Eu outro dia estava lembrando, lá em casa, que é a questão das miudezas. Eu amassei um papelzinho e coloquei em cima do meu armário. [...] lá em casa tem sempre criança. Ela olhou e: Tia é um patinho. É um patinho? É um patinho, vê só. [...] Ai, eu olhei e lembrei a questão da aula quando a ela falou das miudezas que a gente não presta atenção.

Aí, outro dia, falando com um aluno, eu falei com ele assim: É um papelzinho de bala. Você pensa que não faz diferença? Faz diferença sim, porque, se eu jogar o meu papelzinho de bala, você jogar o seu e todos os coleguinhas jogarem o papelzinho de bala no chão, o ralo vai ficar entupido quando chover. Olha, a rua tá cheia. Ai, ele olhou pra mim e falou: Poxa, tia, um papel? Eu falei: É pequenininho, mas ele faz estrago, se se unir com todos. A gente começou a rir e ele falou: Há, então, não pode jogar papel no chão. Eu falei: Não pode não. Ele é uma criança de 8 anos. E, depois, encontrei com a mãe dele e ela falou assim: Ó, meu filho falou que não pode jogar mais papel no chão não, tia. Eu falei: Ele está certo. Ele falou para você, né. Então, é isso; essa pequena fala da gente [...] às vezes fica até emocionada porque é gratificante a gente cuidar, olhar para o próximo e querer o bem do próximo. (Trecho extraído da primeira fala da narradora).

A Agente inicia sua fala mencionando o vídeo ‘O segredo das miudezas’ apresentado por uma das professoras do curso em sua aula para posterior discussão. Observa-se, neste fragmento, que o vídeo a sensibilizou, levando à ampliação de seu olhar e à compreensão de que precisava prestar atenção nas pequenas coisas do cotidiano, o que antes ela não fazia. Em sua narrativa, a ACAC destaca como ela passou a ver o mundo ao seu redor de maneira diferente. Pequenos detalhes e ações cotidianas ganharam novo significado a partir dos conhecimentos que foram construídos ao longo e a partir do Curso e da etapa extensionista nos territórios. Essa mudança de perspectiva revela a transformação que ocorreu em sua vida e na forma de perceber o que está a sua volta.

Consideramos que, a partir desta aula, ela ampliou e reforçou seu processo de conscientização e passando adiante os conhecimentos adquiridos, conscientizando outras pessoas de sua comunidade. Os achados corroboram com os estudos de Meneses *et al.* (2024) acerca da experiência durante um curso de formação para Agentes Comunitários de Saúde. As autoras observaram que as narrativas dos alunos expressaram um processo educativo marcado por descobertas, reflexões e discussões que promoveram emoções inéditas, agregando novos significados às práticas de trabalho, e de conhecimento pessoal.

A ACAC se referiu às miudezas como pequenas coisas que estão perto de nós, mas que não prestamos atenção. As miudezas são importantes e que nos fazem refletir sobre vários aspectos. Ela cita dois exemplos associados ao descarte de resíduos sólidos, quando se refere ao papel de bala sobre sua televisão e ao explicar ao seu aluno que um papelzinho descartado indevidamente faz diferença, mostrando que as miudezas podem se tornar questões de maior alcance. Ela reconhece o impacto das ações individuais, caso não nos atentemos a elas e em suas relações com o ambiente, compreendendo como essas atitudes podem se acumular e resultar em problemas ambientais de impacto social e econômico, como o entupimento dos ralos que, durante a chuva, podem provocar enchentes. Em seu processo de conscientização e formação, enquanto agente multiplicadora em sua comunidade, ela enfatiza a importância de cada ação, mesmo que pequena, para o bem coletivo. Ressaltamos que a problemática dos resíduos sólidos é preocupante e relaciona-se, segundo Guimarães (2018), com o consumo desenfreado pela população e o descarte de resíduos sólidos de forma inapropriada e impensada, acarretando perda do equilíbrio do ambiente e promovendo a destruição de nosso próprio habitat.

Nessa passagem, a ACAC também expõe a emoção e o sentimento gratificante de olhar, reconhecer, cuidar e querer o bem do próximo. Neste sentido, Boff (1999) afirma que nós construímos o mundo a partir de laços afetivos que conferem valor às pessoas e às situações, frisando que somente aquilo que desperta emoções e sentimentos profundos e que provoca um senso de cuidado é capaz de deixar uma marca significativa e duradoura. Em consonância, Josso (2006, 2010) esclarece que nós não somos apenas seres de cognição e ação, mas também de emoção, o que robustece a importância de nosso convívio em sociedade.

O próximo excerto que trazemos trata da percepção da narradora de si própria enquanto cidadã atuante como educadora ambiental e de seu trabalho com a SMAC-RJ:

E, às vezes, eu pensava que só eu que era louca. Mas eu vi que tem muitos loucos, como a Aluna 1, como o Aluno 2^o, como aquela menina de Costa Barros e as dificuldades dela. Mas, nessa loucura da gente, tomara que a gente contagie mais pessoas. E a gente vai passando certa idade, eu já estou com meus 60 anos, mas [...] enquanto eu estiver aqui, enquanto Deus permitir [...], eu quero continuar fazendo esse trabalho, que é um trabalho bem gratificante. A gente encontra várias barreiras, mas, com certeza,

a gente vai colher bons frutos. Mesmo que eu não venha a colher totalmente, mas os próximos que virão vão colher esses bons frutos. [...] Eu vejo as dificuldades. Um passa por dificuldades e todo mundo vai se juntando. É isso aí, essa questão de cuidar do meio ambiente, cuidar da natureza é uma loucura boa, é uma loucura gostosa. (Trecho extraído da primeira fala da narradora).

Ao se referir ao cuidado para com o ambiente como ‘uma loucura’, a ACAC o faz pelo fato de não haver colaboração por parte das pessoas, incluindo o âmbito do poder público, e devido a todas as dificuldades que aqueles que atuam em EA e/ou que realizam ações em prol do ambiente enfrentam quando compartilham informações com a população, o que torna o trabalho lento. Esta fala também revela sua paixão e prazer em atuar como educadora ambiental, demonstrando, que o engajamento na EA não é percebido apenas como um trabalho, mas no sentido de algo que pode lhe trazer satisfação pessoal, felicidade, coragem, melhoria da autoestima e empoderamento. Com efeito, Nóvoa (2001) adverte que a formação pertence ao próprio indivíduo, se inscrevendo no processo de ser (nossas vivências e experiências passadas) e no processo de vir a ser (nossos projetos e ideia de futuro), em empenho de permanente reflexão. Nesta perspectiva, concordamos com Guimarães, Granier e Eder (2021) quando afirmam que o saber da experiência está profundamente conectado ao filtro individual e único de cada indivíduo de perceber e de se assumir dentro de suas próprias realidades.

Entretanto, como a Agente cita, existem “muitos loucos” como ela atuando a favor do ambiente, sendo perseverantes em seus objetivos, evidenciando a força do trabalho coletivo, capaz de contagiar mais pessoas. Além disso, o termo ‘loucura’, citado por ela, pode estabelecer relações com a dissociação entre o ser humano e a natureza, tendo em vista que, no Antropoceno, o ser humano passou a exercer um domínio sobre a natureza ao se colocar à parte dela. Logo, quem apresenta um cuidado ambiental pode ser interpretado como louco. Lembramos que, de acordo com Guimarães (2018), a exploração da natureza pelo ser humano moderno, promove alterações planetárias de grandes proporções como o excesso de consumo, e o aumento da produção de resíduos pela falta de conscientização da população. A este respeito, Santos (2001) nos informa que, no contexto capitalista, estamos vivendo uma crise civilizatória, onde a natureza (Gaia) é considerada como um recurso que serve para o benefício próprio da humanidade, acumulando dividendos e considerando a vida como mercadoria.

No entanto, é possível perceber o processo de evolução pessoal que a ACAC vivenciou a partir das atividades do Projeto, além de seu desejo e do compromisso em continuar aprendendo, expandindo seus conhecimentos e agindo enquanto liderança ambiental em prol de uma transformação significativa da realidade, independentemente de sua idade. O senso de continuidade e comprometimento é reforçado quando a narradora manifesta o desejo por continuar fazendo um bom trabalho enquanto estiver “aqui” e Deus lhe permitir, ela quer continuar fazendo o seu trabalho, que lhe é gratificante.

A perspectiva apresentada pela Agente enfoca de maneira significativa a importância da coletividade e do exercício de uma força conjunta para a construção de um futuro mais justo

e sustentável, quando ela fala que espera que eles (referindo-se aos Agentes Ambientais) consigam contagiar mais pessoas; que todos se ajudam em meio às dificuldades e que tem certeza de que “bons frutos” serão colhidos por eles ou pelas gerações futuras. Além disto, estes trechos demonstram um agir coletivo e não egoísta, pautado na cooperação, na amorosidade e na consciência planetária.

Essas percepções da ACAC vão ao encontro dos ditos de Guimarães (2004), quando delinea os eixos formativos do educador ambiental, dentre os quais destaca a prática de um movimento coletivo e conjunto gerador de sinergia, que precisa ser feito tanto de forma individual quanto coletiva e ainda evidencia uma sensibilização também individual e coletiva. Ainda segundo o autor, a sinergia é compreendida como a força que resulta de um movimento conjunto, produzido por meio de uma ação coletiva e orgânica permeada de intencionalidade, focando objetivos comuns e gerando uma força maior do que se apenas os esforços individuais se somassem. Reforçamos que a EAC, conforme Santos e Guimarães (2020), está voltada para as problemáticas socioambientais e vai contra os preceitos individualistas, capitalistas e predatórios que, em grande parte, determinam as relações estabelecidas dentro do paradigma vigente nas sociedades contemporâneas.

A consciência planetária, percebida na fala da narradora, é um conceito surgido na Era Antropológica que, apesar das crescentes desigualdades devido à inserção e interferência do ser humano no planeta, sinaliza para a primordialidade de a humanidade preservar a integridade de nossa Terra-Pátria (Agostinho, 2004). Segundo, Loureiro (2002 *apud* Agostinho, 2004), ‘cidadão planetário’ ou ‘ecocidadão’ é o sujeito que possui o sentimento de pertencimento ao planeta, enxergando como único e, assim, evidencia a ética ecológica exercida diariamente, individual e/ou coletivamente, e executa ações tanto em seus territórios como globalmente, tendo como eixo central, o respeito à vida e a defesa do direito a viver em um mundo sem fronteiras geopolíticas. Layrargues (2020) acrescenta que, no contexto de crise ambiental climática que vivemos, o ‘sujeito ecológico’ precisa protagonizar um perfil atualizado e adequado à nova realidade em que também investe na militância sociopolítica de modo a contribuir na construção do caminho da sustentabilidade e defesa ambiental.

Ao mencionar que, apesar de encontrarem “várias barreiras”, a ACAC e os outros Agentes Ambientais Comunitários (seus colegas) vão “colher bons frutos”, sua narrativa nos remete à concepção de Josso (2020, p. 46) de que a experiência “é forjada e construída no lugar da interseção das curvas sinusoidais entre a singularidade de cada percurso e a alteridade emergente de todos os cursos compartilhados”. Na direção dos processos formativos, a fala da Agente ainda narra:

[...] Sou muito grata pelo aprendizado que eu recebi e recebo. Eu quero aprender cada vez mais. Eu sou muito grata por Deus me permitir e por conhecer vocês. É muito bacana isso. É tudo bem, vem de coração mesmo. A cada pessoa que eu conheço, [...] assim é o carinho. Isso nos dá força, isso aí que nos faz levar. [...]. (Trecho extraído da primeira fala da narradora).

Então, tinha coisas que a gente aprendeu, né? Quando a

Professora 2 falou a questão das comidas, eu fiquei... Meu Deus, que isso? A gente vai comer isso? De onde é esse mate? E a gente foi aprendendo [...] Então, fica na lembrança da gente, mas foi por vocês também, [...] Quando eu aprendi que os tubarões estão lá, no Recife, que ela falou foi devido, na época tinha um matadouro que levava e jogava, os negócios do sangue e os atraía. Eu falei: Nossa! Levei tanto tempo para aprender isso, pra saber disso!. (Trecho extraído da segunda fala da narradora).

Diante da gratidão evidenciada no primeiro trecho deste excerto da narrativa da ACAC, podemos observar que ela destaca o carinho desenvolvido pelos docentes e colegas durante o processo formativo como um combustível capaz de lhe dar forças para continuar e superar os desafios ao longo da vida. O afeto é um sentimento capaz de criar um clima propício à construção de conhecimentos de um uma pessoa em formação e os professores que desenvolvem relações afetivas e amigáveis com seus alunos, são capazes de motivá-los à melhor participação e à dedicação em seus estudos (Ribeiro, 2010).

Concernente à aquisição de novos conhecimentos, na fala do segundo trecho, a narradora expressa que se ‘assustou’ positivamente com o aprendizado de novos saberes. Em um primeiro momento, ela lembrou-se da aula de uma das autoras, quando a mesma abordou o uso das plantas alimentícias não convencionais (PANCS) como uma saída para a redução da insegurança alimentar, denotando a construção de um novo pensamento nutricional. O segundo foi sobre o esclarecimento do porquê da grande incidência de tubarões no Recife. Diante desses aprendizados, a ACAC mais uma vez demonstrou gratidão. Sua fala revela que o Curso proporcionou conhecimentos que lhe deram novas perspectivas sobre a realidade. Além disto, a paciência e o cuidado que as professoras tiveram com os alunos mais velhos durante o curso ficaram guardados em sua memória afetiva. Este fragmento de fala abordando a prática docente vivenciada nas atividades corrobora com o que postula Freire (1997, p. 45) sobre o que deve fazer parte da formação docente, ressaltando a importância de discutir quais são as qualidades indispensáveis, cientes que elas precisam ser criadas pelos educadores, em sua prática, e que saibamos que

[...] em certas qualidades ou virtudes como amorosidades, respeito aos outros, tolerância, humildades, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica.

Davini (1983) destaca que é por meio de tarefas realizadas ao longo do processo pedagógico, que o educando consolida sua aprendizagem, aprofundando suas observações do ambiente e aplicando os conceitos que, gradativamente, vão sendo elaborados. Com esta proposição, as atividades foram realizadas, ao longo do Curso, de maneira formativa, considerando a evolução do aluno rumo à construção de seu conhecimento, estando presente, portanto, em todos os estágios de desenvolvimento e não restrita ao seu momento final, como

na educação tradicional, onde tudo que foi ‘armazenado’ anteriormente pelo aluno lhe é exigido no momento da prova (Silva, 2005). Cabe frisar que, como nos ensina Josso (2020), os espaços e tempos de formação e aprendizados impactam o aluno em termos de formação pessoal e de sua personalidade social somente quando a experiência é transformadora e tem um valor agregado não apenas em termos de conhecimento da ‘disciplina’ em si mesma, mas também em termos de novas perspectivas, pontos de vista sobre si e de seu ambiente imediato ou planetário.

Ainda nesses dois trechos, contemplamos a ampliação do olhar e da percepção na fala da ACAC, a sua apreciação pelo outro e pelo bem coletivo e o desejo de partilha de sua formação e processo de conscientização, agindo enquanto uma cidadã planetária e demonstrando um caminhar transformador. Esses movimentos da narradora nos fazem evocar os ensinamentos de Morin (1999), que elucidam que não há transformação sem que haja reforma do pensamento, ou seja, uma revolução nas estruturas do próprio pensamento, pois ele deve se tomar complexo.

Em seu segundo momento de fala, após uma breve discussão entre os participantes da roda de conversa e, especificamente, das palavras de uma das autoras sobre a docência/o ‘ser professor-educador’, a Agente volta a demonstrar sua gratidão pela participação nas atividades do Projeto e expressa seu carinho pela Equipe, de forma enfática e amorosa, o que a fez superar os desafios de estar na FIOCRUZ:

Bem [...] Quando a Professora 3 falou [Referindo-se a fala de uma das autoras sobre o ‘ser professora’], vocês não foram professoras somente. O carinho que vocês tiveram com cada um, a maneira de falar. E, assim, eu recordo cada coisinha que passou.

Eu falei assim: Nossa! Realizei meu sonho! Eu conheci o castelinho. Ai, a Professora 1 falou: Está vendo, as coisas acontecem! Então, o carinho de vocês também foi muito importante pra gente, porque cada um tem suas dificuldades. Eu, por exemplo, o Aluno 2 e mais a Aluna 3, demorávamos anos para chegar à Fiocruz, porque o ônibus era um horror. Às vezes, a gente chegava já cansado, mas tinha o prazer de ir porque vocês não foram só aquelas professoras que foram lá e ensinaram e mostraram isso e aquilo.

A maneira com que vocês trataram a gente, também foi muito importante porque, cada um, tem suas dificuldades. Eu tenho as minhas, eu reconheço. Mas eu consegui, porque eu me senti acolhida também no curso, cada um do seu jeito.

E quando a gente levou um café e a Professora 1 não toma café com açúcar [...] Ela: Eu vou tomar um pouquinho do seu café. Ai, eu falei: Mas está com açúcar. Ai ela: Ah... E quando ela veio aqui, eu falei: Fiz um cafezinho sem açúcar pra você! É porque a gente também recebeu esse carinho de vocês. A gente foi acolhido e bem acolhido. [...]. (Trecho extraído da segunda fala da narradora).

A Agente menciona os pequenos detalhes de nossa docência, demonstrando que percebeu um diferencial que reforçou o seu desejo de aprender cada vez mais. Inferimos que este diferencial se deu porque, em nenhum momento, as autoras se propuseram a executar e/ou desenvolver um processo formativo verticalizado, tal qual a ‘educação bancária’, criticada por Paulo Freire por engessar os discentes

e torná-los sujeitos acríticos e apolíticos e não considerando seus conhecimentos prévios (Freire, 1979, 1997). Nesta direção, um estudo recente revelou que a experiência positiva de um curso de capacitação, que tornou Agentes Comunitários de Saúde indivíduos abertos à sua própria transformação a partir da construção de conhecimentos ancorados na educação freiriana, levando-os a superarem as expectativas de uma visão linear de que não teriam nada de novo a aprender, além sua capacitação (Menezes *et al.*, 2022).

Acrescentando, essa relação vivenciada entre a Agente e a Equipe foi respeitosamente se solidificando ao longo do Curso. Segundo a ACAC narradora, quando as atividades extensionistas aconteceram, ela e os demais alunos quiseram nos retribuir com o mesmo carinho e afeto com que os tratamos. Este sentimento ficou claro em sua fala, quando ela menciona que preparou um café sem açúcar especialmente para uma das pesquisadoras, pois lembrou que ela não o toma adoçado. Este gesto nos lembra um dos ensinamentos de Freire (1997), ao reportar que, enquanto ensinava, ele testemunhava aos seus alunos o quanto lhe era essencial respeitá-los e respeitar-se simultaneamente, sem dicotomizar tais posturas e jamais lhe sendo possível dissociar o ensino dos conteúdos da formação ética dos discentes, diferentemente da educação bancária.

Para Freire (1997), a educação bancária é autoritária, acrítica e sem abertura para pensar a realidade dos alunos, o que contribui para a geração de adultos frustrados, uma vez que esse tipo de educação os inibe a criar, atuar e transformar sua realidade social. Desta forma, o ensino horizontal percebido, sentido e vivido pela narradora considera todas as vozes e saberes prévios. Nesse contexto, Alves, Calsa e Moreli (2015) reforçam que os processos de formação extrapolam a acumulação de cursos, conhecimentos e técnicas diferenciadas e que as narrativas servem de material para compreendê-los.

Outro ponto que nos chamou atenção foi a manifestação de emoção da narradora em ter um sonho realizado quando conheceu o ‘castelinho’, referindo-se ao Castelo Mourisco existente no *campus* da Fiocruz, que reúne as memórias científicas que ajudaram a melhorar a qualidade da saúde pública nacional e mundial. Neste momento, vimos que a sua participação no Curso foi além de um aprendizado formal, uma troca de conhecimento e/ou uma qualificação profissional, mas a realização de um sonho, uma conquista, um despertar do sentimento de pertencimento ao ambiente em que trabalha, em que atua, em que vive, um empoderamento. Concordando com Freire (2015), os sonhos que trazemos conosco não podem ser tratados com descaso, sendo preciso buscar nossos ideais através de reflexões críticas do nosso entorno, observando a realidade de forma reflexiva como algo que tenhamos capacidade de mudar, tornando sonhos possíveis.

Cabe evidenciar que a narrativa está permeada de vivências com uma intensidade particular. São dessas vivências intensas impostas à consciência, conforme Josso (2010), que o indivíduo extrai informações úteis às suas transações/relações

consigo mesmo e/ou com o ambiente humano e natural, sendo elas aquelas que se tornam experiências, ao pensá-las reflexivamente sobre o que passou, foi percebido e sentido. A autora ressalta que através das narrativas somos também capazes de distinguir as experiências individuais daquelas partilhadas (convivências sociais).

Ainda recorrendo a Josso (2006), em uma narração, os laços, sejam eles de parentesco, profissionais ou de aliança, são os mais recordados e, em alguns casos, podem ser o pilar de uma narrativa e, extrapolando com Freire (1994, 1997), também dos processos de aprendizagem, porque a educação é um ato de amor. Freire (1994) adverte que não ocorre diálogo quando não existe um profundo amor ao ‘mundo dos homens’, assim como é impossível a articulação do mundo, como ato de criação e recriação, se não há amor que o fundamente, pois, fundamentado no diálogo, o amor é diálogo.

O relato também expõe os muitos desafios vivenciados pela Agente durante todo o Projeto, como a distância, o transporte para sua ida à FIOCRUZ e outros contratemplos existentes até sua chegada. Estes desafios, enfrentados e superados pela vontade de desejar ‘estar nas aulas’ e em convivência com a Equipe e com os colegas, fortalece seu depoimento em relação à importância do Curso e demais atividades do Projeto e sobre nossa atuação enquanto Equipe que o planejou e o desenvolveu, evidenciando que os laços profissionais possuem um lugar tão relevante quanto os laços de parentesco e de aliança (Josso, 2006).

Ao final de sua narrativa, a ACAC reforça alguns pontos anteriormente apresentados, agora expressados de uma maneira enfática e emocionada:

[...] Então, fica na lembrança da gente. Mas foi por vocês também, que tiveram o maior carinho com a gente e isso é importante. Porque, não somos adolescentes, somos pessoas de mais de idade.

Então eu quero agradecer realmente, bem do meu coração mesmo. Como é importante, né, a gente dá valor às pequenas coisas. E foram tão grandes pra mim! Vocês podem ter certeza, que, quando eu paro para pensar, vem aqui dentro: Mas ela falou isso assim.

[...] Foram pequenas coisas, tão grandiosas, sabe? Pequenos detalhes, que fez a gente gostar cada vez mais. Então de coração, eu falo, por mim e, talvez, por todas as que participaram do curso. Como foi importante esse curso pra gente e a gente espera que tenha mais! Não parem por aí! Quero aprender cada vez mais, tá! É importante pra caramba! E ter professores iguais a vocês assim! Nota 10! Obrigada, tá, por vocês! Obrigada a cada um! Que Deus abençoe vocês ricamente! Vocês são 10! De coração! Vou chorar! (Trecho extraído da segunda fala da narradora).

Este trecho final da narrativa faz um compilado de toda a fala da Agente, expressando seu desejo de frisar certos posicionamentos e sentimentos muito caros a ela (grifados por nós). A partir desta observação, pontuamos que uma das coisas mais evocadas por ela, foi o gesto de reconhecimento à Equipe, pela sua dedicação, e de agradecimento pelo conhecimento compartilhado com respeito, paciência, carinho, amorosidade, indicando uma experiência positiva e transformadora. É notória sua gratidão pelo aprendizado, pelas conquistas,

pelas parcerias formadas e por tudo que poderá ser aplicado em seu território, pois, agora, ela se sente mais capaz e mais preparada para perceber, refletir e agir com propriedade. Perante este entendimento, é precípuo lembrar o apontamento de Guimarães (2017) de que um dos principais pressupostos da EAC é promover a emancipação dos sujeitos, propiciando a desconstrução de hábitos antigos e proeminentes para dar lugar às práticas educativas inovadoras, reflexivas e críticas como instrumentos de trabalho rotineiro, expressadas pela narradora ao se referir ao trabalho desenvolvido no Projeto.

Nesse fragmento final de sua fala, a ACAC enfatiza que sempre se recorda dos saberes construídos e reconstruídos, saberes estes que estão em sua memória, pois foram significativos para ela. Neste sentido, ressaltamos o pensamento de Moreira (2011) de que o estudante só vê significado no aprendizado e aprende efetivamente, se o conhecimento tiver relação com seus conhecimentos prévios.

Em toda a narrativa da Agente é possível perceber um destaque ao percurso trilhado durante seu processo formativo e às trilhas às vezes com e outras vezes sem obstáculos, o que nos remete ao ensinamento de Nóvoa (2022) sobre a importância de despertarmos o interesse do aluno no caminho, na procura, na viagem do processo de aprendizagem, e nunca na chegada a um porto seguro qualquer.

A presença da grande carga emocional na fala da Agente, sempre apontando que seu apreço pelo Projeto e seu carinho pela Equipe enquanto docentes do Curso e educadores ambientais, assim como ela, nos remetendo aos ensinamentos de Freire (1997) quando frisa que é na convivência amorosa e na postura curiosa e aberta com seus educandos que o professor se torna e instiga-os a se tornarem sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, podendo falar de seu respeito à dignidade e da autonomia do aluno, presumindo a ruptura com concepções e práticas que negam a concepção da educação como situação epistêmica.

Imbuídas da consciência da realização de um trabalho que teve relevância nesta etapa do processo formativo da Agente narradora, que fortaleceu seu pensamento reflexivo e crítico, trazemos o pensamento de Maturana (2001) de que, enquanto seres vivos, estamos imersos em um espaço de convivência onde a emoção desempenha um papel fundamental, se manifestando enquanto uma potência de ação, sendo o amor, a emoção essencial que constitui a base da coexistência social. A EAC, como nos ensina Guimarães (2004) e Guimarães, Granier e Eder (2021), está plenamente em consonância com a filosofia libertadora, amorosa e dialógica da pedagogia freiriana, onde a ação de educar acontece nas relações.

Dentro desse contexto emerge um importante passo metodológico: a criação do ambiente educativo pelos condutores do processo formativo. Essa construção busca gerar um espaço educador receptivo a diversidade de realidades das pessoas do grupo e que provoque inquietação/motivação. Desta feita, o educador ambiental assume o papel de catalisador do processo de transformação coletiva,

inclusive a sua própria, potencializando assim o processo constitutivo de um educador transformado e transformador.

4 Conclusão

A pesquisa narrativa tem se apresentado como um instrumento valioso de investigação, principalmente nas áreas de educação e ensino. É sabido que os processos de formação não estão limitados ao ensino formalizado, abarcando aspectos subjetivos, pessoais e sociais, sendo imprescindível considerá-los, assim como também considerar a bagagem vivida e trazida para os ambientes de ensino. Essa abordagem permite aos pesquisadores observarem as inter-relações do processo de formação, as experiências pessoais e de convívio social e, então, proporcionar ao sujeito do estudo maior autonomia.

Ao conferir sentido às percepções, memórias, sentimentos e experiências registrados na fala da ACAC, nos transportamos e revivemos os momentos vividos em nosso trabalho com todos os participantes das atividades de nosso Projeto e lhes outorgamos sentido, despertado pela leitura, releitura e discussão da fala transcrita, internalizando o carinho e a gratidão expressados pela narradora. Sua narrativa nos deixou satisfeitas e gratas por mostrar que estamos trilhando o caminho certo em nosso propósito de atuar sob a perspectiva dos ensinamentos de Freire, em busca de uma educação respeitosa, amorosa, que contempla os anseios e necessidades de nossos alunos, considera seus saberes e dificuldades, entendendo-os, de modo a torná-los conscientes de si e de seu papel na e para a sociedade e o ambiente. Percebemos que nosso objetivo de formar educadores ambientais críticos, aptos e interessados em agir em prol da melhoria da qualidade social e ambiental local e global foi atingido.

A ACAC resgata o ensinamento sobre a ‘miudeza das coisas’ compreendendo-o e ampliando-o em seus processos formativos internos, afirmando com sabedoria que as pequenas coisas e as pequenas ações não são insignificantes e possuem relevância positiva e negativa para a sociedade e o planeta, principalmente quando somados. Por sua fala, observamos que ela passa a ‘perceber’ e ‘refletir’. Adicionalmente, ela passa a ‘agir’, quando ensina ao próximo sobre a relevância de seus atos, mesmo que aparentemente pequenos, como nos mostra o exemplo do aluno que jogara o papel no chão, o qual orientou, tornando-o um propagador do novo conhecimento ao repassá-lo a sua mãe. Percebe-se, então, o efeito multiplicador de suas ações.

Adicionalmente, fica claro que o compartilhamento das experiências e ações com os demais colegas, que vivem realidade semelhante à sua, fortaleceu, nela, a percepção de que ‘juntos eles são fortes’ e podem fazer a diferença para melhorar a qualidade de vida em suas comunidades.

A Agente deixa claro que quer continuar a ‘agir’, dedicando-se à atividade de Agente Comunitário Ambiental Climático. Ela se sentiu acolhida com respeito e carinho pelos professores e colegas, afirmando que suas percepções e seus sentimentos para com a Equipe eram compartilhados com os demais Agentes Comunitários Ambientais. Isto fez com que, apesar de a distância entre sua casa e Fiocruz ser grande e o trajeto ser cansativo, a satisfação ao chegar a seu campus era maior.

Para nós, a compreensão do que se passou durante o processo formativo vivenciado e, posteriormente, experienciado pela narradora nos indicou a complexidade e os rumos que podemos dar ao nosso eu docente, enquanto educadoras ambientais e enquanto pesquisadoras e, tal qual a Narradora, sonhar e viver nossos sonhos.

Referências

- AGOSTINHO, A. A. F. *Educar para a cidadania planetária: implicações pedagógicas de um paradigma emergente*. Recife: O Autor, 2004.
- ALVES, C. J. G.; CALSA, G. C.; MORELI, L. S. Narrativas biográficas: a formação do ponto de vista do aprendente. *Construção Psicopedag.*, v. 23, n. 24, p. 77-89, 2015.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BOFF, L. *Saber cuidar - ética do humano - compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, v. 19, p. 20-28, 2002.
- DAVINI, M. C. Currículo integrado. In: GRANDI, M.T. (Org). *Capacitação Pedagógica do Programa de Formação de Pessoal de Nível Médio em Saúde (Projeto Larga Escala)*. Brasília: OPAS, 1983. p. 41-55.
- DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Rev. Bras. Educ.*, v. 17, n. 51, 2012.
- FONTOURA, H. A. Meu nome é professor/a: sobre aprender a docência e identidades. *Rev. Educ. Pública*, v. 28, n. 68, 2019.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1997.
- FREIRE, A. M. A. *Pedagogia dos sonhos possíveis; pedagogia dos sonhos impossíveis: a arte de tornar possível o impossível*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- GUIMARÃES, M. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004.
- GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B. Educação ambiental e os processos formativos em tempos de crise. *Rev. Diálogo Educ.*, v. 17, n. 55, p. 1577-1597, 2017 doi: <http://dx.doi.org/10.7213/1981-416x.17.055.DS06>.
- GUIMARÃES, M. Pesquisa e processos formativos de educadores ambientais na radicalidade de uma crise civilizatória. *Pesq. Educ. Amb.*, v. 13, n. 1, p. 58-66, 2018. doi: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol13.n1.p58-66>.
- GUIMARÃES, M.; GRANIER, N. B.; EDER, S. A experiência significativa do ser mais ambiental na “convivência pedagógica”: encontros em Paulo Freire. *Ens. Saúde Amb.*, v.

14, p. 575-595, 2021.

JOSSO, M. C. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educ. Pesq.*, v. 25, n. 2, p. 11-23, 1999.

JOSSO, M. C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. *Educ. Pesq.*, v. 32, n. 2, p. 373-383, 2006.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Rev. Educ.*, v. 3, n. 63, p. 413-438, 2007.

JOSSO, M. C. *Experiência de vida e formação*. Natal: EDUFRN, 2010.

JOSSO, M. C. *O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala*. *Educ. Real.*, v. 37, n. 1, p. 19-31, 2012.

JOSSO, M. C. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. *Rev. Bras. Pesq. (Auto)Biogr.*, v. 5, n. 13, p. 40-54, 2020.

LAYRARGUES, P. P. (Re)Conhecendo a educação ambiental brasileira. In: LAYRARGUES, P. P. (Org.). *Identidades da educação ambiental brasileira*. Brasília: MMA, 2004. p. 7-9.

LAYRARGUES, P. P. Manifesto por uma educação ambiental indisciplina. *Ens. Saúde Amb.*, p. 44-88, 2020.

LAYRARGUES, P. P.; TORRES, A. B. F. Por uma educação menos seletiva: reciclando conceitos em educação ambiental e resíduos sólidos. *Rev. Bras. Educ. Amb.*, v. 17, n. 5, p. 33-53, 2022.

LOUREIRO, C. F. B. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUREIRO, C. F. B. Problematizando conceitos: contribuição à práxis em educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. *et al.* (Org.). *Pensamento complexo: dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.

LOUREIRO, C. F. B.; TOZONI-REIS, M. F. C. Teoria social crítica e pedagogia histórico-crítica: contribuições à educação ambiental. *Rev. Eletr. Mestr. Educ. Amb.*, 2016.

MATURANA, H. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MENESES, M. N. *et al.* Educação popular em saúde: significado da experiência na formação de Agentes Comunitários de Saúde. *Educ. Rev.*, 2024. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-469841446>.

MINAYO, M. C. S. *et al.* *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOREIRA, M. A. *Teorias de aprendizagem*. São Paulo: EPU, 2011.

MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa: um conceito subjacente. 1997. In: MOREIRA, M.A.; CABALLERO, M.C.; RODRÍGUEZ, M. L. In: ENCUENTRO INTERNACIONAL SOBRE EL APRENDIZAJE SIGNIFICATIVO. Burgos, España. 1997. p. 19-44.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NÓVOA A. *Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo: nada substitui o bom professor*. 2006. Disponível em: http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf. Acesso em: 1 fev. 2024.

NÓVOA, A. Antonio Nóvoa: “professor se forma na escola”: entrevista. 2001. *Nova Escola*, n.142, 2006.

NÓVOA, A.; ALVIM, Y. *Escolas e professores proteger, transformar, valorizar*. Salvador: SEC/IAT, 2022.

RIBEIRO, M. L. A afetividade na relação educativa. *Estud. Psicol.*, v. 27, p. 403-412, 2010.

SANTOS, B. S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, D. G. G. D.; GUIMARÃES, M. Pertencimento: um elo conectivo entre o ser humano, a sociedade e a natureza. *REMEA*, v. 37, n. 3, p. 208-223, 2020.

SILVA, A. V. Uma reflexão para a prática educativa de Paulo Freire. *Rev. Esp. Acad.*, n. 45, 2005.

SOUZA, L. M. C.; NOGUEIRA, C. A pesquisa participante e a educação ambiental na prática laboratorial com estudantes do Ensino Fundamental. *Rev. Ens., Educ. Ciênc. Hum.*, v. 22, n. 5-esp, p. 617-623, 2021. doi: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2021v22n5p617-623>.